

Encerramento do Encontro Nacional do Turismo no Espaço Rural

Eng. Luís Correia da Silva
Secretário de Estado do Turismo

«Em primeiro lugar um agradecimento pelo convite para encerrar este Encontro Nacional do Turismo no Espaço Rural. Não têm de me agradecer por cá ter vindo já que este é um assunto que me interessa há muito. É para mim uma grata recordação voltar aqui depois de alguns anos ausente já que participei nos primeiros encontros que aqui se realizaram na inauguração deste próprio centro e agora vejo que este auditório se chama Professor Eugénio Castro Caldas, o que me remeteu também para outro sentimento de vida que foi o facto de ter tido o privilégio de ter sido aluno do Professor Eugénio Castro Caldas. Se me permitem uma pequena referência pessoal, era daqueles professores que quando nós chegamos à universidade pensamos que encontramos este tipo de professores. Devo confessar que o único professor assim que encontrei, sem menosprezo para os outros, foi o Professor Eugénio Castro Caldas. Era uma pessoa que os alunos na faculdade de agronomia iam assistir independentemente das aulas que dava. Lembro-me que foi ele que me trouxe pela primeira vez aos Arcos e que me fez acreditar que havia outro mundo para além do urbano, uma outra racionalidade que não tinha a ver com a económica, e uma outra vida para além daquela que nós somos confrontados e obrigados a viver no dia a dia.

Pessoas como o Professor Eugénio Castro Caldas e como o Dr. João de Abreu de Lima, como eu agora ouvi falar e que teve uma vida dedicada ao bem público e àquilo que acredita e acreditou, deixam-nos com pouco à vontade, porque é o peso do seu trabalho e dedicação e estas palavras enquanto temos estas funções que são sempre efémeras na vida, são sempre curtas para reconhecer aqueles que efectivamente contribuem para aquilo que de bom se faz neste país.

Gostava também de dar os parabéns à TURIHAB pelos 20 anos de trabalho que foi feito. E é evidente que não podia deixar salientar aqui o esforço que o meu amigo Francisco Calheiros tal como os membros da direcção têm feito ao longo destes anos, em prol daquilo que hoje mais ou menos se chama de Turismo no Espaço Rural e que começou obviamente por se chamar Turismo de Habitação.

Partilhámos ao longo dos anos muitos encontros. Lembro-me do esforço que eu fazia em convencer-vos sobre esta realidade que é o Turismo de Habitação e também me lembro das sessões de trabalho que fizemos para encontrar este nome de Solares de Portugal, que é hoje uma marca. Na altura muitas pessoas se questionavam da bondade ou não do nome, mas que ficou no tempo e hoje é já uma referência do turismo nacional.

Devo dizer-vos também que o Eng. Francisco Calheiros uma vez mais ruralizou a Secretaria de Estado do Turismo, ou seja, conseguiu este feito quase histórico de trazer aqui toda a equipa sénior da Secretaria de Estado do Turismo. Isto não é muito simples, devo dizer, mas de facto ter aqui numa sessão perante vós o Director Geral do Turismo, o Presidente do Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, a Administradora que no ICEP fala do Turismo, e depois ainda por cima fazê-los ouvir o Secretário de Estado de Turismo, isto é uma coisa relativamente pesada.

Nós não estamos aqui a fazer favor a ninguém e estas vinda cá tem a ver com um assunto que merece ser discutido.

Há uma realidade hoje em Portugal que se chama Turismo no Espaço Rural. É uma realidade que eu gostaria que fosse vista sempre pela positiva. Se olharmos para os

últimos 10/15 anos em que esta afirmação foi cada vez mais significativa configura hoje aquilo que é uma nova oferta de alojamento turístico em Portugal.

Pese embora as discussões que possam haver sobre a bondade dos apoios que foram dados, a utilização que possa ter sido feita em muitos ou poucos casos dos meios que foram colocados à disposição do Turismo no Espaço Rural, particularmente em alguns casos no Turismo de Habitação, o que é facto é que existe uma realidade que se chama Turismo no Espaço Rural.

Efectivamente traz hoje para Portugal um conjunto de turistas que nós gostaríamos que continuassem a vir para o nosso país com um perfil que se adequa àquilo que nós pretendemos que sejam os turistas que nos visitem no futuro.

O TER em contribuído positivamente para aquilo a que se chama recuperação do património histórico e arquitectónico do nosso país. E todos nós sabemos que infelizmente nem sempre as entidades públicas são capazes de velar pelo nosso património como muitos dos privados o têm feito. E julgo que se estivéssemos à espera de grandes apoios de grandes entidades que se ocupam dessas áreas provavelmente muito teria ficado para trás. Portanto deve haver aqui algum reconhecimento desta capacidade que muitos dos senhores tiveram para recuperar aquilo que era dos proprietários com alguns apoios que foram concedidos.

A realidade é que muito desse património histórico e arquitectónico do país foi recuperado e foi introduzido no circuito do alojamento turístico.

Julgo que o facto de existir esta realidade que se chama TER e esta marca que se chama Solares de Portugal configura também uma nova dimensão naquilo que é a oferta turística e uma nova capacidade naquilo que é a forma como nós podemos promover o nosso país no estrangeiro, para além de trazeremos também muitos portugueses para este tipo de alojamento.

Por fim, devemos reconhecer que talvez tenha sido o Turismo no Espaço Rural que primeiro foi capaz de fazer com que muitas regiões onde nunca tenha havido sequer qualquer sensibilidade de vocação para o desenvolvimento turístico, criou essa ideia de que era possível de turismo em qualquer região do nosso país.

Hoje quando se fala tanto no turismo (e fala-se tanto que já começo a desconfiar) e quando tantas pessoas de tantas regiões do país parecem pensar que o turismo poderá ser apanágio de todas as dificuldades que existem em regiões que têm dificuldades ao nível das suas vocações tradicionais, seja na agricultura, seja na indústria.

Acho que deveria chamar a atenção para que de facto as coisas a não são necessariamente assim. Nós temos regiões de forte vocação e potencialidade mas não se pode estar à espera que o turismo possa ser a resolução de todos os problemas em todos os casos.

Mas o TER foi talvez a primeira semente daquilo que foi em muitas regiões o primeiro sentido de turismo que foi criado.

Penso que devemos reconhecer essas situações e dar valor a quem trabalhou, seja individualmente, seja através das associações que foram formadas para que isso acontecesse.

Muito foi feito, talvez algumas coisas pudessem ter sido feitas de forma diferente, mas talvez tenha chegado uma altura em que para além dos proprietários e empresários que se ocupam destas áreas terem sempre este sentido que é verificar sempre o que é que as entidades públicas podem fazer mais em relação àquilo que são os segmentos em que operam. Penso que deveriam fazer também uma reflexão no sentido de saber o que podem trazer mais para o Turismo de Nacional.

Esto é um caminho de dois sentidos, penso que talvez fosse possível que este sector tivesse uma contribuição mais forte, mais positiva, que houvesse mais capacidade

de decisão, de investimento em relação à capacidade de atrair novos turistas portugueses e estrangeiros para este segmento.

Muito foi investido neste sector, muito foi bem feito, acho que estamos numa altura, depois das experiências todas que tivemos, de profissionalizar muitos dos serviços que são prestados, olhar para esta realidade e ver em que medida podemos melhorar as formas de gestão das unidades dos empreendimentos e ver em que medida através das associações podemos criar rotas, massa crítica para interessar os novos públicos que queremos atingir, e fazer um esforço com o auxílio dos departamentos do estado para que efectivamente possamos aumentar as nossas taxas de ocupação, porque assim tornámos mais rentáveis, atraímos mais turistas e principalmente atraímos os turistas que nós queremos que venham para o nosso país.

O Turismo no Espaço Rural e o Turismo de Habitação são um segmento, um nicho de oferta do turismo nacional não podem ser vistos da mesma forma como grandes empreendimentos no Algarve e os grandes hotéis em Lisboa ou os grandes empreendimentos na Madeira, mas é um nicho que também tem a sua responsabilidade enquanto nicho na oferta turística nacional. E essa responsabilidade traduz-se na necessidade de ter de trabalhar enquanto nicho para ir ao encontro daquilo que é hoje e existe que é uma procura turística a nível internacional e português para este tipo de empreendimentos turísticos.

Portanto, muito mais deve ser feito e pode ser feito neste sentido. E a presença de todos nós aqui hoje e as mensagens que trazemos para esse efeito é nesse sentido. Estamos disponíveis para trabalhar com os senhores, para trabalhar com a associação (e o Francisco Calheiros sabe bem que essa disponibilidade existe), mas penso que estamos numa época em que muito mais podemos fazer e muito mais podemos trabalhar neste sentido.

Gostaria de terminar fazendo referência a duas questões que aqui ouvi. A primeira é que não estamos muito em época de deduções em sede de IRS. Não é que o conceito não tenha sido objecto de algum estudo, devo-vos dizer que no âmbito do trabalho que tem sido feito na promoção do turismo interno, discutiu-se várias vezes a hipótese de se criar qualquer tipo de incentivo neste domínio. Confesso que tenham havido tempos melhores para esses assuntos.

Segundo ponto: SIVETUR

No âmbito do SIVETUR, reflectindo o grande interesse dos promotores e até a certa adequabilidade do próprio sistema e até o trabalho de resposta que o Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo deu, o que é certo é que nós estamos hoje numa situação em que um programa que era para funcionar 7 anos, depois dois anos de funcionamento temos cerca de 20% de over booking em relação às verbas que foram apresentadas. O que significa duas coisas: primeiro que ao contrário do que acontece noutros sectores da economia nacional, em termos concretos e reais, se há um sector desta economia portuguesa é no sector da indústria de viagens e turismo.

Quando o Primeiro Ministro Referiu que o turismo será um motor do desenvolvimento económico deste país, é a constatação de uma realidade.

A realidade é que efectivamente existem intenções, promotores e empresas que querem investir no sector turístico em Portugal.

Devo dizer que não precisamos de andar à procura deles. Não precisamos de andar com grandes projectos de captação de investimento nesta área. Se concretizássemos 50% das intenções de investimento que existem neste momento no sector de turismo em Portugal, tínhamos investimento por anos para este país.

O SIVETUR reflecte isto: em dois anos esgotaram-se as verbas que estavam afectas para os apoios que teriam de ser desenvolvidos.

Estamos neste momento a olhar para o sistema. Provavelmente serão introduzidos na avaliação dos projectos um ou dois outros critérios que se preocuparão um pouco mais em termos da análise da rentabilidade desses projectos (temos que ser mais criteriosos nessa matéria).

E estamos a ver se conseguimos encontrar algumas verbas adicionais para que este programa possa ser desenvolvido. Não vos posso adiantar mais sobre esta matéria porque estamos a trabalhar nela. Mas é uma preocupação, principalmente em relação ao SIVETUR, já que os outros estão em funcionamento.

Gostaria agora de reflectir sobre o panorama do turismo nacional. Muitos dos senhores sentiram no dia a dia a crise que se verificou no sector do turismo nos últimos 6/9 meses. Se não tem sido o interesse dos portugueses em passar férias em muitas das nossas unidades de alojamento, provavelmente até teria sido muito mais complicado.

Julgo que estes meses que se seguiram ao 11 de Setembro foram muito difíceis para todos, parece que mesmo depois disso houve aquilo a que alguém chamou de «conspiração» contra o turismo.

Nunca no passado se configuraram ao mesmo tempo tantas situações complicadas para o turismo. A questão dos ataques terroristas, a questão da instabilidade política em alguns destinos, a situação de dificuldade económica nos grandes mercados emissores de turismo tanto na Europa, como EUA como mesmo no Japão. Tudo isto somado à situação do Iraque que já se anunciava há meses e agora esta grande epidemia que é a Pneumonia Atípica que criou novos factores de instabilidade no turismo.

Ao contrário do que muitos dizem não acredito que Portugal por estar aqui, o país na Europa onde há uma percepção dos aspectos de segurança é mais forte, possa beneficiar dos males dos outros.

Esta conspiração é muito complicada porque os potenciais turistas se questionam se devem ou não viajar. Quantos dos senhores que estão aqui se questionaram se deviam ou não fazê-lo e se o fizeram vão para países próximos.

Temos exemplos concretos de que aquilo que poderia parecer à partida uma grande vantagem porque Portugal poderia estar fora das grandes rotas do terrorismo, isso não se verifica.

Os últimos números que temos já da segunda quinzena de Abril e de todo o mês de Maio são indiciadores de que o pior já terá passado. O Algarve teve um óptimo mês de Maio, a Madeira teve um óptimo mês de Abril e Maio, Lisboa está a recuperar bastante bem.

Na reunião que tive com os presidentes das regiões de turismo do país os sinais são de recuperação, de perspectivas positivas para o verão e segundo semestre deste ano. Gostaria de transmitir-vos isto: o sentido que o governo tem de que o pior já passou nesta matéria, que há um prudente expectativa positiva em relação à performance do verão e do segundo semestre. Acreditamos que vai ser melhor do que as expectativas que havia e que poderá até ser melhor do que no ano anterior.

Finalmente queria dizer-vos que este sector tem grande peso na economia nacional, na capacidade de mobilizar, de contribuir para mais criação de riqueza, de emprego e bem estar. Acho que o facto dos primeiros sinais virem do sector do turismo são mais uma referência para aquilo que vem sendo reconhecido: temos toda a responsabilidade de poder estar envolvidos num sector que cada vez mais tem uma grande importância para este país.

Espero que todos vós como proprietários e empresários ao vosso nível tenham a confiança e continuem a fazer a aposta nesta actividade que julgo valer a pena fazer.

Muito obrigado.»